

FICHA TÉCNICA

Título original: *Just One Year*

Autora: *Gayle Forman*

Copyright © 2013 by Gayle Forman, Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Maria José Figueiredo*

Revisão: *Mariana Portela/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, julho, 2016

Depósito legal n.º 410 868/16

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRIMEIRA PARTE

Um Ano

UM

AGOSTO

Paris

Estou sempre a ter este sonho: estou dentro de um avião, a voar por cima das nuvens. O avião começa a descer, e de repente entro em pânico porque percebo que não devia estar dentro daquele avião, que não é para ali que quero ir. Nunca percebo bem onde vou aterrar — não sei se é uma zona de guerra, se é no meio de uma epidemia, se é noutro século —, mas tenho a certeza de que não é onde queria estar. Tento perguntar à pessoa que segue ao meu lado para onde vamos, mas não consigo ver propriamente uma cara nem consigo ouvir propriamente uma resposta. Acordo desorientado e coberto de suor, a ouvir as rodas do avião a poisarem no solo e o meu coração a bater descompassadamente. Em geral, levo algum tempo a orientar-me, a perceber onde estou — num apartamento em Praga, num albergue no Cairo... Mas nem então desaparece esta sensação de estar perdido.

Acho que estou precisamente a ter este sonho. Como sempre, levanto a proteção da janela para olhar para as nuvens. Sinto a guinada hidráulica dos motores, o impulso para baixo, a pressão nos ouvidos, a ignição do pânico. Volto-me para a pessoa sem rosto que tenho ao meu lado — só que desta vez tenho a sensação de que não se trata de um desconhecido, mas de alguém que eu conheço, da pessoa com quem estou a viajar. E sinto-me profundamente aliviado: não é possível que nos tenhamos *ambos* enganado no avião.

— Sabes para onde vamos? — pergunto-lhe, debruçando-me sobre ela. Estou prestes a chegar, estou prestes a ver-lhe a cara, estou prestes a ouvir uma resposta, estou mesmo a ponto de saber para onde vou...

É então que oiço uma sirene.

A primeira vez que me apercebi das sirenes foi em Dubrovnic. Andava a viajar com um sujeito que tinha conhecido na Albânia, quando ouvimos passar uma sirene; era parecida com as sirenes dos filmes de ação americanos, e o sujeito que ia comigo comentou que as sirenes dos países têm todas um som muito próprio.

— É bom porque, se a pessoa se esquecer de onde está, pode sempre fechar os olhos e fica a saber pelas sirenes — dizia ele.

Nessa altura, eu andava a viajar há um ano, e demorei uns momentos a lembrar-me do som das sirenes da minha terra. Eram quase musicais, com um *la la la* para-cima-e-para-baixo, uma espécie de cantilena distraída, mas alegre.

Mas esta sirene não é nada assim. Esta sirene é monótona, parece um balido de uma ovelha elétrica: *mééé, mééé, mééé*. Não sobe nem baixa de intensidade pelo facto de se aproximar ou se afastar; é um muro constante de lamentações. Por muito que me esforce, não consigo localizar esta sirene, não faço ideia nenhuma de onde estou.

Só sei que não estou em casa.

Abro os olhos. Estou rodeado por uma luz intensa, que vem do alto, mas também vem de dentro dos meus olhos: são minúsculas explosões de alfinetes, que doem que eu sei lá. Volto a fechar os olhos.

Kai. O sujeito com quem viajei de Tirana para Dubrovnic chamava-se Kai. Estivemos a beber cerveja croata morna sentados nas muralhas da cidade e depois rimo-nos muito enquanto urinávamos para o Adriático. Ele chamava-se Kai. Era finlandês.

A sirene volta a balir. E eu continuo sem saber onde estou.

A sirene para de tocar. Oiço abrir uma porta e sinto água a correr-me sobre a pele. O meu corpo mexe-se. Tenho a sensação de que é preferível manter os olhos fechados. De que não quero assistir a nada disto.

Mas é então que me obrigam a abrir os olhos e sinto outra luz, intensa e dolorosa, que me faz lembrar aquela vez em que estive tempo demais a olhar para um eclipse solar. O Saba tinha-me dito para não o fazer, mas há coisas que a pessoa não consegue proibir-se. Depois tive uma dor de cabeça que durou horas. Era uma dor de cabeça de eclipse. Pelo menos foi assim que lhe chamaram no telejornal. Há imensas pessoas que ficam com dores de cabeça por olharem tempo demais para o sol. Mas, apesar de saber tudo isto, continuo sem saber onde estou.

Oiço vozes, que parecem ecoar dentro dum túnel. Oiço-as, mas não percebo o que estão a dizer.

— *Comment vous appelez-vous?* — perguntam-me numa língua que eu sei que não é a minha, mas que apesar disso compreendo: «Como se chama?»

— É capaz de nos dizer como se chama? — Voltam a fazer-me a pergunta, agora noutra língua, que também não é a minha.

— Willem de Ruiters. — Desta vez, é a minha voz. E o meu nome.

— Ótimo. — Trata-se de uma voz masculina, que volta a falar na primeira língua: em francês. O homem diz-me que acertei no meu nome, e pergunto a mim próprio como é que ele sabe. Por momentos, penso que é o Bram que está a falar comigo; mas, apesar de me sentir completamente baralhado, percebo que não é possível que seja ele. O Bram nunca aprendeu a falar francês.

— Willem, vamos sentá-lo.

As costas da minha cama — *pois julgo que estou deitado numa cama* — endireitam-se. Tento novamente abrir os olhos. Está tudo enevoado, mas consigo ver as luzes que tenho por cima da cabeça, as paredes cheias de riscos, uma mesa de metal.

— Willem, está no hospital — explica-me o homem.

Sim, já tinha começado a perceber. E esse facto também explica que eu tenha a camisola coberta de sangue, embora não explique que blusa é esta, que não é minha. É uma camisola cinzenta, com as letras SOS a vermelho. O que significará este SOS? E de quem será o sangue que mancha esta camisola?

Olho à minha volta e vejo um homem de bata branca — será um médico? —, com uma enfermeira ao lado. A enfermeira tem na mão

uma compressa gelada, que me estende. Levo a mão à face, sinto a pele quente e inchada, e fico com os dedos manchados de sangue. Já tenho a resposta a uma pergunta.

— Você está em Paris — explica-me o médico. — Sabe onde fica Paris?

Estou a comer tagine num restaurante marroquino de Montorgueil, com a Yael e o Bram. Estou a passar o chapéu depois de uma representação dos acrobatas alemães em Montmartre. Estou a entrar à força, todo suado, num espetáculo dos Mollier Than Molly no Divan du Monde com a Céline. E estou a correr e a correr pelo mercado de Barbès, com uma rapariga pela mão.

Quem é esta rapariga?

— Em França — consigo responder. Sinto a língua espessa como um tronco.

— Consegue lembrar-se do que lhe aconteceu? — pergunta-me o médico.

Oiço passos de botas e sinto o sabor do sangue. Tenho uma poça de sangue na boca. Não sei o que hei de fazer com ela, por isso engulo.

— Parece que você se envolveu numa rixa — prossegue o médico. — Vai ter de participar o caso à polícia. Mas primeiro temos de lhe fazer umas suturas na cara e um exame à cabeça, para termos a certeza de que não tem nenhum hematoma subdural. Está cá de férias?

Cabelo preto. Voz suave. Uma sensação inquietante de que perdi uma coisa de valor. Dou uma palmadinha no bolso.

— As minhas coisas? — pergunto-lhe.

— Encontraram a sua mochila e o conteúdo espalhado pela rua. O seu passaporte estava lá dentro. E a sua carteira também.

E entrega-mos. Abro a carteira e vejo mais de cem euros lá dentro, embora tenha a impressão de que tinha bastante mais. O meu bilhete de identidade desapareceu.

— Também encontrámos isto. — E o médico mostra-me um caderninho preto. — Ainda tem bastante dinheiro na carteira, não tem? Dá a impressão de que não foi um assalto, a não ser que você tenha resistido aos atacantes. — E franze o sobrolho, presumo que em reação à aparente loucura de semelhante manobra.

Terei feito tal coisa? Sinto um pesado nevoeiro sobre a cabeça; parece aquela névoa que se eleva dos canais de manhã cedo, para a qual eu ficava a olhar cheio de vontade de que ela levantasse. Sempre tive frio. A Yael dizia que era porque, embora eu tivesse aparência de holandês, o que me corria nas veias era o sangue mediterrânico dela. Lembro-me disso, e lembro-me da manta de lã muito gasta em que me enrolava. E, embora já tenha percebido onde estou, não sei o que estou aqui a fazer. Não devia estar em Paris. Devia estar na Holanda. Talvez seja por isso que tenho esta inquietação cá dentro.

Levanta! Levanta!, ordeno ao nevoeiro, mas ele é tão teimoso como a névoa dos canais da Holanda. Ou talvez seja a minha vontade que é tão frágil como o sol de inverno. Seja como for, o facto é que o nevoeiro permanece.

— Sabe que dia é hoje? — pergunta-me o médico.

Tento pensar, mas as datas passam por mim quais folhas mortas numa sarjeta. O que não deixa de ser natural: nunca sei às quantas ando; não preciso. Abano a cabeça.

— E sabe em que mês estamos?

Augustus. Août. Não. — Agosto.

— E o dia da semana?

Donderdag, diz uma coisa dentro de mim. Quinta-feira.

— Quinta-feira? — pergunto, à experiência.

— Sexta-feira — corrige-me o médico, e a inquietação aumenta dentro de mim. Se calhar porque devia estar num sítio qualquer na sexta-feira.

O intercomunicador zune. O médico pega no auscultador, diz umas coisas, torna a poisá-lo e volta-se para mim.

— O serviço de radiologia vem buscá-lo dentro de trinta minutos.

E depois começa a falar-me de *comotions cérébrales ou concussions* e de perdas temporárias de memória e de TAC e de exames, e nada disto faz muito sentido.

— Podemos ligar a alguém? — pergunta-me. E eu tenho a sensação de que sim, mas, por mais que me esforce, não consigo lembrar-me quem. O Bram desapareceu, o Saba desapareceu, e a Yael é como se tivesse desaparecido. A quem mais é que eu podia telefonar?

Sinto-me invadido por uma forte náusea, uma espécie de onda que me atinge pelas costas. E logo a seguir a camisola manchada

de sangue que tenho vestida fica coberta de vômito. A enfermeira fez um gesto rápido, mas a bacia não chegou a tempo; por isso, dá-me uma toalha para me limpar. O médico diz-me qualquer coisa sobre os traumatismos e as náuseas. Tenho lágrimas nos olhos; a verdade é que nunca aprendi a vomitar sem chorar.

A enfermeira limpa-me a cara com outra toalha.

— Oh, escapou-me aqui um bocadinho — observa com um sorriso terno. — Aqui, no seu relógio.

Tenho no pulso um relógio dourado, que não é meu. Por momentos, tenho um vislumbre deste relógio no pulso de uma rapariga. Passo a mão por um braço esguio, um ombro forte, um pescoço de cisne. Quando chego à cara, estou convencido de que não vou ver nada, como acontece nas caras do meu sonho — mas não.

Cabelo preto. Pele clara. Olhos calorosos.

Volto a olhar para o relógio. O vidro está partido, mas funciona. São 9 horas. Começo a ter uma ideia do que foi que me esqueci.

Tento sentar-me, mas ao fazer isso o mundo transforma-se numa grande tigela de sopa.

O médico obriga-me a deitar para trás, apoiando-me uma mão no ombro.

— Você está a ficar agitado porque se sente confuso. Tudo isto é temporário, mas vamos ter de lhe fazer uma TAC para termos a certeza de que não tem nenhuma hemorragia no cérebro. Enquanto esperamos, podemos tratar-lhe das lacerações faciais. Mas primeiro vou dar-lhe uma coisa para o anestésiar.

A enfermeira passa-me uma coisa cor de laranja pela cara.

— Não se preocupe, isto não mancha.

E não mancha mesmo. Mas arde.

— Tenho de me ir embora — declaro depois de me terem suturado.

O médico solta uma gargalhada e, por momentos, vejo uma pele branca coberta de poeira branca, mas quente por baixo. Um compartimento branco. Uma vibração na minha face.

— Tenho uma pessoa à minha espera. — Não sei quem é, mas sei que é verdade.

— Quem é que está à sua espera? — pergunta-me o médico.

— Não me lembro — tenho de reconhecer.

— Senhor De Ruiten, temos de lhe fazer uma TAC. E, depois disso, quero que fique em observação até recuperar por completo a lucidez. Até ser capaz de me dizer quem é a pessoa que está à sua espera.

Pescoço. Pele. Boca. A mão dela, frágil e forte, sobre o meu coração. Levo a mão ao peito, poiso-o sobre a bata verde que a enfermeira me deu depois de me terem rasgado a camisola manchada de sangue para verem se tinha alguma costela partida. E tenho o nome na ponta da língua.

Aparecem uns maqueiros, que me levam para outro andar do hospital. Depois metem-me dentro de um tubo de metal, que chocalha à volta da minha cabeça. Talvez seja do barulho, mas o certo é que, dentro do tubo, o nevoeiro começa mesmo a levantar. Mas o que há por trás dele não é um sol maravilhoso, é um céu pesado e cinzento, onde os fragmentos começam a encaixar uns nos outros.

— Tenho de me ir embora! — grito do interior do tubo.

Silêncio, seguido do clique do intercomunicador.

«Por favor não se mexa», diz uma voz automatizada, em francês.

Voltam a levar-me de maca para baixo. Passa do meio-dia.

Espero bastante tempo. Lembro-me dos hospitais, e lembro-me da razão precisa pela qual os detesto.

Espero mais tempo. Sinto-me esmagado de inércia, como se fosse um carro que dá grandes velocidades preso num engarrafamento. Tiro uma moeda do bolso e começo a fazer o truque que o Saba me ensinou quando era miúdo. E resulta: acalma-me; nessa altura, há mais algumas peças do quebra-cabeças que entram no sítio. Viemos juntos para Paris. *Estamos* juntos em Paris. Sinto a mão dela suavemente poisada no meu lado quando ontem andámos de bicicleta. E volto a sentir a mão dela, agora com menos suavidade, quando ontem à noite nos abraçámos com força num compartimento branco.

O compartimento branco. Ela está naquele compartimento branco, à minha espera.

Olho em volta. Ao contrário do que as pessoas pensam, os quartos de hospital nunca são brancos. São beges, cinzentos, cor-de-rosa-

-claro — tons neutros, destinados a apaziguar o coração. O que eu não daria para estar neste momento num quarto branco.

O médico regressa passado algum tempo e vem a sorrir.

— Trago-lhe boas notícias! Não teve hemorragia subdural. Foi só o traumatismo. Como está a sua memória?

— Melhor.

— Ótimo. Vamos esperar pela polícia. Eles vão recolher o seu depoimento e a seguir eu dou-lhe alta. Mas tem de ter muito cuidado. Vou dar-lhe um papel com as instruções, em francês. Peça a alguém que lho traduza, ou então eu procuro o equivalente em inglês ou em holandês.

— *Ce ne sera pas nécessaire* — respondo-lhe.

— Ah, fala francês? — pergunta-me ele em francês.

Respondo-lhe com um aceno de cabeça.

— Voltou-me com a memória.

— Ótimo. E o resto também lhe vai voltar.

— Quer dizer que me posso ir embora?

— Tem de arranjar alguém que o venha buscar! E tem de apresentar queixa à polícia.

A polícia. Vou passar horas com eles. E a verdade é que não tenho nada para lhes dizer. Tiro a moeda do bolso e começo a brincar com ela.

— Não quero falar com a polícia!

O médico segue com os olhos a moeda que me saltita entre os dedos.

— Tem problemas com a polícia? — pergunta-me.

— Não, não é isso. Tenho uma pessoa à minha espera — explico-lhe. A moeda cai ao chão e rodopia com um barulhinho metálico. O médico apanha-a e entrega-ma.

— Quem é que tem à sua espera?

Talvez por causa da maneira descontraída como ele fez a pergunta, o meu cérebro, afetado pelos acontecimentos, não teve tempo de refletir antes de responder. Ou talvez seja o nevoeiro que começou a levantar, deixando atrás de si uma incrível dor de cabeça. A verdade é que o nome me sobe aos lábios com toda a naturalidade.

— A Lulu.

— Ah, a Lulu. *Très bien!* — E o médico bate ruidosamente as palmas. — Nesse caso, vamos telefonar à Lulu para ela vir buscá-lo. Ou então podemos ir nós buscá-la.

Não me sinto em condições de lhe explicar que não sei onde está a Lulu. Que só sei que ela está naquele compartimento branco, que está à minha espera, e que está à minha espera há muito tempo. E que eu tenho um pressentimento horrível, um pressentimento que não me vem apenas de estar num hospital, um sítio onde é habitual as coisas perderem-se, mas tem outra origem.

— Tenho de me ir embora — insisto. — Se não me for já embora, quando lá chegar pode ser tarde demais.

O médico olha para o relógio de parede.

— Ainda não são duas horas. É muito cedo.

— Para mim pode não ser. — *Pode não ser.* Como se aquilo que vai acontecer não tivesse já acontecido.

O médico fica a olhar-me durante uns momentos e depois abana a cabeça.

— É melhor esperar. Dentro de poucas horas vai recuperar a memória e não terá dificuldade em a encontrar.

— Mas eu não posso esperar umas horas!

Pergunto a mim próprio se ele terá o direito de me reter aqui contra a minha vontade. E depois pergunto a mim próprio se neste momento terei sequer vontade. Mas há qualquer coisa que me empurra para diante, por entre o nevoeiro e a dor.

— Tenho de me ir embora — insisto.

O médico olha para mim e solta um suspiro.

— *D'accord.*

Depois estende-me uma pilha de folhas, diz-me que tenho de descansar nos próximos dois dias, de limpar a ferida todos os dias, e que as suturas acabarão por se dissolver. E a seguir entrega-me um cartão.

— É o nome do inspetor da polícia. Vou dizer-lhe que o Willem lhe telefona amanhã.

Respondo-lhe com um aceno de cabeça.

— Tem para onde ir? — pergunta-me.

O clube da Céline. Recito-lhe a morada. A paragem de metropolitano. Destes dados lembro-me facilmente. E serei capaz de lá chegar.

— Muito bem — prossegue o médico. — Vá à secretaria dar os seus dados e depois pode-se ir embora.

— Obrigado.

Ele apoia-me uma mão ao de leve no ombro e repete-me que tenha cuidado.

— Lamento que Paris lhe tenha trazido este infortúnio.

Volto-me para ele. O médico tem ao peito uma etiqueta com o nome e, por esta altura, eu já consigo focar os olhos. Na etiqueta está escrito: DOCTEUR ROBINET. E, embora tenha recuperado a visão, o dia ainda está pouco claro, mas eu tenho uma intuição profunda; é um sentimento confuso, de algo a que não chamaria felicidade, mas solidez: a sensação de voltar a terra depois de ter estado muito tempo em alto mar. É um sentimento de que, mesmo sem saber quem é esta Lulu, sei que algo aconteceu entre nós em Paris, algo que é o contrário de um infortúnio.

DOIS

Na secretaria, preencho uns milhares de impressos. Os problemas começam quando me pedem a minha morada. É que eu não tenho morada. Há muito tempo que não tenho morada. Mas eles não me deixam ir embora enquanto eu não der uma morada. Primeiro, ocorre-me dar-lhes o endereço da Marjolein, que é a advogada da minha família. É ela que trata dos assuntos importantes da Yael, e era com ela, recorro de repente, que tinha combinado encontrar-me hoje — ou seria amanhã? Ou teria sido ontem? — em Amesterdão. Mas, se a Marjolein receber uma conta de hospital, tudo isto acabará por ir parar aos ouvidos da Yael, e eu não quero ter de lhe explicar o que se passou. E também não quero *não* lhe explicar, na hipótese — mais provável que a anterior — de ela não chegar a fazer-me qualquer pergunta.

— Posso dar-lhe a morada de um amigo? — pergunto à funcionária.

— Até me pode dar a morada da rainha de Inglaterra. A única coisa que eu quero é um sítio para onde enviar a conta — responde-me ela.

E se eu lhe desse a morada do Broodje em Utrecht?

— Um momento.

— Os que quiser, *mon chéri*.

Apoiando-me no balcão, passo os olhos pelas páginas do meu livro de endereços, revendo as pessoas que conheci no último ano. Leio nomes que nunca mais acabam de pessoas de quem não me lembro, nomes de quem já não me lembrava antes de apanhar esta

tarefa. Encontro uma mensagem a dizer: «Não te esqueças das grutas de Matala.» E lembro-me das grutas, e da rapariga que escreveu esta mensagem, mas não sei de que queria ela que eu não me esquecesse.

Na primeira página, encontro a morada do Robert-Jan e dito-a à funcionária. Quando vou a poisá-lo, o livrinho cai-me e abre-se numa das últimas páginas, onde vejo um sinal desconhecido; por momentos, penso que devo estar mesmo a ver mal, mas depois percebo que o que se passa é que as palavras não são em inglês, nem em holandês, mas em chinês.

E de repente já não estou neste hospital, mas num barco, na companhia dela, e ela está a escrever no meu caderninho. Ela falava chinês. E escreveu-me umas palavras em chinês. Viro a página e ali está ele.



Não tem a tradução ao lado, mas eu até sei o que significa este carácter.

«Dupla felicidade.»

Vejo o carácter no meu caderninho, e depois em ponto maior, num anúncio. Dupla felicidade. Será aí que ela está?

— Sabe dizer-me se há algum restaurante chinês, ou uma loja aqui perto? — pergunto à funcionária.

Ela coça a cabeça com um lápis e pergunta à colega, começando as duas a discutir sobre os sítios onde se come melhor.

— Não, não é para comer, estou à procura disto — explico-lhes, mostrando-lhes o carácter.

Elas entreolham-se e encolhem os ombros.

— Há por aqui algum bairro chinês?

— No 13.º bairro — replica uma delas.

— E onde fica isso?

— Na margem esquerda.

— E se eu fosse apanhado por uma ambulância nesse bairro chinês, era para aqui que me traziam? — pergunto-lhes.

— Não, claro que não.

— Há um bairro chinês um pouco mais pequeno em Belleville — intervém a outra.

— É relativamente perto daqui — completa a primeira, explicando-me onde fica a entrada mais próxima do metropolitano.

Ponho a mochila às costas e vou-me embora.

Mas não vou longe. A mochila pesa-me como se estivesse cheia de cimento molhado. Quando, há dois anos, saí da Holanda, trazia uma mochila enorme com muito mais coisas. Mas depois roubaram-na e nunca cheguei a comprar uma nova: remediei-me com uma mais pequena. Com o passar do tempo, as mochilas foram-se tornando cada vez mais pequenas, porque na verdade uma pessoa precisa de muito pouca coisa. Ultimamente, ando apenas com umas quantas mudas de roupa, uns livros e pouco mais que uma escova de dentes; mas até isso me parece agora um peso excessivo. Ao descer as escadas para o metropolitano, vou batendo com a mochila nos degraus, sentindo a dor como uma faca a entrar-me na carne.

— Está magoado, mas não está partido — disse-me o Dr. Robinet antes de me vir embora. Pensei que ele estava a falar do meu estado mental, mas afinal era do estado das minhas costelas.

Ao chegar ao cais, despejo o conteúdo da mochila no chão e pego apenas no passaporte, na carteira, no livro de moradas e na escova de dentes. O resto fica caído na plataforma. Meto-me no comboio sentindo-me mais leve — o que não quer dizer que a viagem seja mais fácil.

O bairro chinês de Belleville começa logo à saída do metropolitano. Ponho-me à procura do carácter que ela desenhou no meu caderno nas placas de identificação dos estabelecimentos comerciais, mas as placas são mais que muitas e as letras de néon parecem-me completamente diferentes das linhas suaves que ela traçou. Pergunto aos transeuntes pela dupla felicidade. Não faço ideia se estou a perguntar por um local, uma pessoa, um prato ou um estado de espírito. Os chineses mostram-se assustados e não me respondem, de tal maneira que eu começo a perguntar a mim próprio se estarei efetivamente a falar francês, ou apenas a imaginar que falo. Por fim, um velhote que aperta uma bengala ornamentada com as mãos gastas olha fixamente para mim e diz-me:

— Você está muito longe da dupla felicidade.

Faço menção de lhe perguntar o que quer ele dizer com aquilo e onde fica a dupla felicidade, mas é então que tenho um vislumbre

da minha cara — o olho roxo e muito inchado, a ligadura que me cobre a face empapada em sangue — numa montra, e percebo que ele não está a falar dum local.

De repente, porém, avisto umas letras minhas conhecidas. Não se trata do caráter da dupla felicidade, mas das letras que estavam gravadas na misteriosa camisola que eu tinha vestida no hospital: SOS. Vejo-as noutra camisola, no corpo de um sujeito da minha idade, de cabelo espetado e com o braço coberto por pulseiras de metal. Talvez ele tenha alguma coisa a ver com a dupla felicidade.

Vou atrás dele, a ofegar, e quando finalmente consigo tocar-lhe no ombro, ele volta-se e recua um passo. Aponto para a camisola e estou prestes a perguntar-lhe o significado daquelas letras, mas ele interroga-me primeiro, em francês.

— O que é que te aconteceu?

— Fui atacado por uns cabeças-rapadas — respondo-lhe, explicando-lhe que trazia vestida uma camisola igual à dele.

— Ah — replica ele, acenando com a cabeça. — Os racistas detestam os Sous ou Sur. É uma banda muito antifascista.

Aceno com a cabeça, embora me tenha lembrado de repente da razão pela qual apanhei aquela sova, e que não tinha nada a ver com a camisola.

— Podes ajudar-me? — pergunto-lhe.

— Acho que tu precisas de ir ao médico, meu amigo.

Abano a cabeça: não é disso que eu preciso.

— O que é que queres?

— Ando à procura de um sítio neste bairro onde haja uma placa com este caráter.

— Que significa o quê?

— Dupla felicidade.

— O que é isso?

— Não sei bem.

— E andas à procura de quê?

— Talvez seja uma loja. Ou um restaurante. Ou um clube. Se queres que te diga, não sei.

— Não sabes mesmo nada, pois não?

— Eu sei que não sei mesmo nada. Já é alguma coisa. Meti-me nuns sarilhos — explico-lhe, apontando para o galo que tenho na cabeça.

Ele observa-me com atenção.

— Devias ir tratar disso.

— Já fui — replico, apontando para a ligadura que me cobre a face.

— E não devias estar a descansar?

— Já vou tratar disso. Mas primeiro tenho de descobrir a dupla felicidade.

Estou a vê-la, e não estou só a vê-la, estou a sentir-lhe a respiração contra a minha face, quando ela me sussurrou qualquer coisa ontem à noite, antes de adormecer. Não ouvi o que ela me disse. Só sei que me sentia feliz pelo facto de estar naquele compartimento branco.

— Lulu.

— Ah, é uma miúda. Eu vou agora encontrar-me com a *minha* miúda. — E, tirando o telemóvel do bolso, manda uma mensagem. — Mas ela espera. As miúdas não se importam de esperar! — E lança-me um sorriso onde se vê uma sequência de dentes podres.

Ele tem razão. As miúdas não se importam de esperar. Mesmo as que eu não sabia que esperariam, mesmo que eu me demorasse muito, as miúdas estavam sempre à minha espera. E a mim tanto me fazia.

Pomo-nos a percorrer as ruas estreitas daquele bairro, onde cheira intensamente a entranhas guisadas. Tenho a sensação de que vou a correr para conseguir acompanhá-lo, e volto a sentir-me nauseado por causa da fadiga.

— Tu não estás com muito bom aspeto, meu amigo — comenta ele quando me ouve largar a bÍlis para a sarjeta. — Tens a certeza de que não queres ir ao médico?

Abano a cabeça e limpo a boca e os olhos.

— OK, então acho que o melhor é levar-te a conhecer a Toshi, a minha miúda. Ela trabalha nesta zona, de maneira que se calhar conhece essa tal dupla felicidade.

Sigo atrás dele e continuo à procura do carácter da dupla felicidade, mas a coisa tornou-se mais difícil porque me caíram umas gotas de vomitado em cima do caderno e a tinta esborratou. Além disso, tenho pintas pretas a dançar-me diante dos olhos, de maneira que nem percebo bem onde está o chão.

Quando finalmente paramos, quase desato a chorar de alívio. É que encontrei mesmo o sítio da dupla felicidade, e estou a reconhecer-lo: a porta de aço, os andaimes encarnados, os retratos distorcidos, até o nome desmaiado na fachada: Ganterie; porque isto deve ter sido uma fábrica de luvas. É mesmo aqui.

A Toshi, uma rapariga negra baixinha, com uma carapinha muito apertada, vem buscar-nos à porta e eu tenho vontade de a abraçar quando ela acede a levar-me ao compartimento branco. A única coisa que eu quero é deitar-me ao lado da Lulu naquele compartimento, e voltar a sentir-me bem.

Tento dizer-lhe isto, mas não consigo. Nem sequer consigo que as pernas me obedeçam, porque o chão se tornou líquido e cheio de ondas. A Toshi e o meu samaritano, que se chama Pierre, discutem em francês: ela quer chamar a polícia, mas o Pierre argumenta que eles têm de me ajudar a encontrar a dupla felicidade.

«Não há problema», tenho vontade de lhe dizer, «já a encontrei.» É aqui. Mas não consigo que as palavras me saiam em condições. A única coisa que me sai é:

— A Lulu está cá?

Aproximam-se mais algumas pessoas, que se juntam à porta.

— A Lulu — volto a dizer. — Deixei-a aqui.

— Aqui? — pergunta-me o Pierre. E, voltando-se para a Toshi, aponta para a sua própria cabeça e depois para a minha.

Eu não paro de dizer o nome dela: «Lulu, Lulu.» E depois calo-me, mas o nome continua, qual câmara de eco, como se as minhas súplicas tivessem penetrado no interior do edifício e pudessem ir buscá-la.

É então que os presentes abrem alas, e eu convenço-me de que resultou: de que as minhas palavras a desenterraram e ma devolveram. De que, da única vez que eu quis que uma miúda esperasse por mim, ela esperou mesmo.

Vejo uma rapariga avançar na minha direção.

— *Oui, Lulu, c'est moi* — diz-me num tom delicado.

Mas esta não é a Lulu. A Lulu era alta e esguia, de cabelo e olhos pretos. Esta miúda é uma bonequinha chinesa, e é loura. Não é a Lulu. E só então me recordo de que a Lulu também não se chama Lulu. De que Lulu foi o nome que eu lhe dei. De que não sei o nome dela.

Está toda a gente a olhar para mim. E eu oiço-me balbuciar que tenho de ir à procura da Lulu. Da outra Lulu. Que ficou a dormir num compartimento branco.

Eles olham para mim com expressões estranhas e a Toshi tira o telemóvel do bolso. Oiço-a falar: está a chamar uma ambulância. Levo um minuto a perceber que é para mim.

— Não — digo-lhe. — Já fui ao hospital.

— Devias estar num estado lastimável — observa a Lulu que não é a minha Lulu. — Tiveste um acidente?

— Foi espancado por uns cabeças-rapadas — explica-lhe o Pierre.

Mas a Lulu que não é a minha Lulu tem razão. Foi por acidente que a encontrei e foi por acidente que a perdi. É extraordinário como as coisas acabam por se equilibrar.